



Relações entre terminação e gênero morfológico em Said Ali: o índice -l no Português

Relationships between termination and morphological gender in Said Ali: the index -l in Portuguese

Milena Guirelli Trindade*

USP

Mário Eduardo Viaro**

USP/CNPq-PQ-1D

Resumo: *O presente artigo busca explorar o gênero morfológico na língua portuguesa por meio da investigação da relação existente entre gênero e terminação. Said Ali (1923, p.55-68) contribuiu para essa indagação ao apresentar possíveis índices de gênero para os substantivos; no entanto, para verificar o que é apontado pelo autor, faz-se necessário analisar de forma expandida como o gênero morfológico se manifesta nas diferentes terminações possíveis de substantivos da língua portuguesa. Desse modo, este trabalho se propõe a estudar como substantivos terminados em -l se comportam, considerando a tendência ao gênero morfológico masculino; além de examinar a ocorrência das eventuais exceções, buscando hipóteses que expliquem seu funcionamento.*

Palavras-chave: *Morfologia, Gênero morfológico, Indexicalidade.*

Abstract: *This article seeks to explore the morphological gender in the Portuguese by investigating the relation between gender and ending. Said Ali (1923, p.55-68) contributed to this question by presenting possible gender indexes for nouns; however, to verify what is pointed out by the author, it is necessary to analyze in an expanded way how*

the morphological gender manifests itself in the different possible endings of nouns in the Portuguese language. In this sense, this text proposes to study how nouns ending in -l works, considering that they tend to belong to the masculine morphological gender; besides examining the occurrence of eventual exceptions, seeking hypotheses that could explain their functioning.

Keywords: *Morfology, Morphological gender, Indexicality.*

Flexão nominal e sua relação com o significado

A flexão nominal em língua portuguesa se associa a determinadas categorias, dentre elas, o gênero morfológico, presente em todos os seus substantivos, tanto em denominações de seres animados quanto de não-animados. Nos animados é possível, às vezes, verificar certa confusão com o chamado gênero identitário ou sexo. No restante dos substantivos, o gênero parece ser arbitrário, ainda que seja possível relacionar gênero e terminação em alguns casos, como a terminação *-a* da maioria dos substantivos femininos e a terminação *-o* da maioria dos masculinos.

O gênero, segundo F. Margotti e R. Margotti (2011, p.69), é uma imposição gramatical que não interfere no significado. São comuns a mudanças de gênero de palavras herdadas (como o substantivo masculino *color*, em latim, hoje *cor*, feminino em português). Os substantivos latinos de gênero neutro passaram, em português, ora a masculinos, ora a femininos. Há itens lexicais com gênero vacilante, como *o/a champanhe* e *o/a grama*, cuja variação do gênero não afeta a significação do vocábulo, a despeito de qualquer posicionamento normativo.

Villalva (2008, p.89-91) descreve o gênero morfológico como uma propriedade inerente dos radicais nominais¹ e julga a relação entre radical e valor de gênero como aleatória² na maioria dos casos. Corbett (2006, p.751-752) distingue três tipos de sistema de atribuição de gênero nas línguas: (i) estritamente semânticos; (ii) predominantemente semânticos; (iii) formais. A partir dessa perspectiva, é possível considerar o português uma língua com sistema de atribuição de gênero formal, uma vez que, embora a atribuição possa ser baseada na forma

ou no significado das palavras, pois a maioria dos substantivos no português não recebem gênero com base em sua referência (SCHWINDT, 2018, p.748)³.

Por sua vez, Lacotiz (2020, p. 23) avalia o gênero no português como uma categoria que pode manifestar-se por meio de diferentes maneiras e cuja inerência é difícil de ser explicada. Para a autora, a tradição gramatical classifica o gênero nos substantivos de língua portuguesa em: (1) não-sexuados, (2) epicenos, (3) comuns de dois gêneros, (4) sobrecomuns e (5) seres animados, tomando os itens linguísticos por duas perspectivas, quanto à forma e quanto ao conteúdo, sendo quatro das cinco classificações baseadas na relação entre “gênero linguístico e sexo biológico”. A respeito do primeiro grupo, segundo a autora, “não se oferece de nenhuma explicação, ou seja, parece inexistir qualquer propriedade nesses itens linguísticos que os faça pertencer ou ao gênero masculino ou ao feminino” (LACOTIZ, 2020, p.24).

A marca de gênero morfológico no português é, portanto, uma categoria complexa, pois se manifesta de diferentes maneiras, dependendo do item lexical. Desse modo, é possível distinguir entre:

- (i) *gênero referencial*: encontrado em substantivos que denominam seres de acordo com sua referência, ou seja, coincide com o sexo ou o gênero identitário do ser a que se referem, como *professor, atriz, galo, cachorra*;
- (ii) *gênero puramente morfológico*: no restante das palavras, há informação gramatical, mas não referencial, pois não há nada de específico na referência dessas palavras que indique seu gênero.

O segundo caso, de acordo com Rocha (1994, p.33), constitui a maior parte dos substantivos da língua portuguesa. Segundo Câmara Jr. (1970, p.78), a flexão de gênero costuma ser exposta de maneira incoerente e confusa nas gramáticas tradicionais do português e uma dessas confusões diz respeito a relacionar o gênero das palavras apenas ao “sexo dos seres”. Sobre essa questão, Souza e Silva e Koch (2011) argumentam que:

o conceito de sexo não está necessariamente ligado ao de gênero: mesmo em substantivos referentes a animais e pessoas há algumas vezes discrepância entre gênero e sexo. Assim, a *testemunha*, a *cobra* são sempre femininos e o *cônjuge*, o *tigre*, sempre masculinos, quer se refiram a seres do sexo masculino ou feminino. (SOUZA e SILVA; KOCH, 2011, p. 65-66)

O gênero morfológico segundo Said Ali (1861-1953)

É possível rastrear interpretações importantes para o entendimento do fenômeno “gênero” na tradição gramatical, a partir da qual o termo *gênero* entrou nas discussões morfológicas. Jeronymo Soares Barboza (1822) demonstra conhecimento circunstância ao expor que o gênero está presente não só nos indivíduos, mas também nas coisas:

[...] o uso das Linguas, sempre arbitrario ainda quando procura ser consequente, vendo que a Natureza lhe tinha prescrevido a regra dos sexos na Classe dos animaes, quiz seguir tambem a mesma nos nomes das couzas, que os não podem ter, fazendo por imitação huns masculinos, e outros femininos, e por caprichos outros nem masculinos, nem femininos, mas Neutros. (BARBOZA, 1822, p.124).

A partir disso, o autor propõe uma divisão entre *gênero por significação e por terminação*, a qual também ocorre em gramáticas de outros autores. Quanto à significação, Barboza apresenta que o gênero do substantivo coincide com o sexo do ser que se refere, o que também inclui ofícios que eram restritos a apenas um dos dois gêneros na época; todavia, ao tratar do feminino, é notável que o autor busque estabelecer outras relações entre gênero e significação ao estipular que palavras que denominam virtudes, paixões e artes liberais são vinculadas ao feminino, uma vez que a relação entre gênero e significação nesses casos se dá por grupos que atualmente seriam chamados de semânticos, o que difere dos casos em que o gênero dos substantivos é definido pelo sexo dos seres a que se referem. Por outro lado, os gêneros

estabelecidos pela terminação são considerados arbitrários pelo autor e, nesse sentido, ele separa 43 terminações, sendo 28 delas associadas ao gênero masculino ou feminino, e as restantes dadas como incertas.

Francisco Evaristo Leoni (1858) também apresenta a divisão entre gênero por significação e por terminação. Quanto à significação, o autor também inclui — além dos substantivos que designam seres e tomam o gênero de acordo com sua referência — alguns grupos semânticos, como os nomes de ventos e dos rios. Por outro lado, o autor também apresenta algumas associações entre gênero e terminação, e busca justificar tanto o gênero predominante quanto suas exceções por meio da origem das palavras na maioria dos casos, ainda que de modo breve.

O que faz Leoni, de fato, é estabelecer alguns possíveis *índices* de gênero. De fato, parece ser claro para os falantes da língua portuguesa que algumas terminações como *-a* e *-o* remetam respectivamente ao gênero feminino e masculino. Viaro (2018) defende a existência de índices de gênero nas terminações dos substantivos: mesmo quando não simbolizem nada, a observação comprova a presença de uma indexicalidade *sígnica* nessas terminações. Para o autor, o significado dos índices “é de outra ordem, pois provém da aquisição e passam sem interpretação nenhuma pela referência alojando-se no significado, onde juntamente com um significante, forma uma unidade que compõe um paradigma” (VIARO, 2018, p.20). Assim, é perceptível que os paradigmas dos substantivos femininos terminados em *-a* e *o* dos masculinos em *-o* são bastante extensos e formam índices de gênero evidentes para o falante, embora não simbolizem nada específico.

A obra de Said Ali tem notável importância para os estudos filológicos brasileiros. Sua *Grammatica secundaria da lingua portugueza* (1923), de acordo com Bechara (1962, p.19) fora “a obra didática mais dentro da perspectiva sincrônica que apareceu no Brasil, e quiçá em língua portuguesa” e é descrita por Câmara Jr., conforme cita Costa (2020, p.186), como uma “admirável síntese didática”. Em um dos capítulos da obra, ele disserta sobre o gênero dos substantivos e também adota a divisão entre gênero pela significação e gênero pela terminação. Já na *Grammatica historica da lingua portugueza* (1931), ele torna a discutir a questão dos gêneros dos substantivos e sua classificação. Nela, ao abordar sobre os substantivos que nomeiam coisas, o autor expõe novamente a relação entre terminação e gênero e justifica algumas ocorrências através de argumentos etimológicos.

Considerando a significação, o autor estabelece que substantivos que denominam pessoas e animais não epicenos⁴ tomam o gênero de acordo com o que é indicado pela sua referência; o que corresponde à noção de gênero referencial mencionada anteriormente.

No entanto, essa relação não se verifica no restante dos substantivos; ainda que Said Ali também separe alguns outros grupos semânticos cujos elementos integrantes sempre tomam o mesmo gênero, como os pontos cardeais e os meses, que são sempre masculinos, ainda que não haja nada de específico na referência dessas palavras que indique o gênero. Cabe destacar que isso não significa que a palavra não tem gênero, mas que nela há a noção de gênero morfológico, que dispõe de informação gramatical, mas não referencial. Desse modo, o gênero dos substantivos, nesses casos, se revela arbitrário.

Uma vez que não é possível agrupar todos os substantivos da língua portuguesa apenas a partir de sua significação, o autor também se propõe a classificar o gênero desses elementos de acordo com suas terminações, o que equivaleria a dizermos hoje que Said Ali apresenta alguns possíveis índices de gênero. Alguns desses índices não são muito evidentes, como é o caso de *-gem* para o feminino e *-l* para o masculino.

Os substantivos são divididos pelo autor em dois grupos: (i) gênero pela significação; (ii) gênero pela terminação. Na primeira divisão, como o próprio nome da seção sugere, há uma presença do enfoque semântico. Entretanto, ela não engloba só o sexo ou gênero identitário dos seres, mas também alguns grupos semânticos. Em síntese, os grupos estabelecidos por Said Ali são:

Masculinos:

(1) seres sexuados masculinos (não epicenos): *homem, rei, mestre, sacerdote, conde, boi, bode, etc;*

(2) pontos cardeais: *norte, sul, oeste, oriente;*

(3) letras, notas musicais e algarismos: *o bê, o cê, o jota, o beta, o dó, o ré, o mi, o três, o cinco, etc;*

(4) meses: *março, abril, etc;*

(5) rios, montes, mares e ventos: *o Amazonas, o Himalaya, o Atlântico, etc.*

Femininos:

(1) seres sexuados femininos (não epicenos): *mulher, mãe,, vaca, cabra, etc;*

(2) nomes geográficos em que são subentendidas palavras femininas como *ilha* e *cidade*: *Nova-Friburgo, Ceylão, etc.* (SAID ALI, 1923, p. 59-60).

Quanto aos substantivos que recebem gênero de acordo com a terminação, o autor dá mais destaque para os “nomes de coisas” e explica que os epicenos também seguem as regras por ele apresentadas. Os índices de gênero propostos são:

Masculinos: *-o* átono; *-ema; -oma; -grama*; oxítonos em *-á, -é, -i, -ó, -u*; terminados em ditongo puro; oxítonos em *-em, -im, -om; -men* átono; termos científicos em *-en* átono; *-um*; concretos em *-ão; -r; -l*; oxítonos em *-az, -iz, -oz e -uz*; paroxítonos em *-s e -x; -ate, -ete, -ote e -ite*; concretos em *-ude; -arte e -orte; -ante, -ente, -onte*.

Femininos: *-a; -dem e -gem* átonos; *-ão*, se abstratos; *-ade, -ude, -ice; -ie; -ede, -ide, -ave, -ebe, -eve; -ase, -asse, -ace, -ese, -ece, -esse, -ose*; além de exceções às regras do masculino.

Outros casos: Algumas terminações, como *-ã e -e* são associadas a ambos os gêneros, ainda que o autor consiga observar uma leve predominância em algumas circunstâncias. (SAID ALI, 1923, p. 61-66).

É notável que mesmo tratando do gênero quanto à terminação, o autor ainda utiliza de grupos e traços semânticos para realizar algumas distinções. Além disso, é importante salientar que a maioria dos índices propostos apresenta exceções e, em alguns casos, o autor busca explicar por que não se enquadram na regra.

Desse modo, nota-se que a classificação proposta pelo autor é mais completa que a de Barboza e a de Leoni, uma vez que analisa mais terminações e as explora de maneira mais ampla. Todavia, deve-se ressaltar que ainda que o estudo realizado pelo autor seja notável, é possível observar exceções à classificação dos índices sugerida que não foram analisadas ou explicadas pelo autor.

Said Ali (1923, p.66-67) ainda dedica uma seção intitulada *Nomes de duplo gênero* para tratar dos casos de palavras que tomam mais de um gênero, no entanto não com o exato mesmo sentido. Primeiramente, destaca a existência de alguns substantivos femininos que se referem a entidades inanimadas — ou “coisas” — que, ao serem empregados metaforicamente para designar homens, passam a ser masculinos. Para exemplificar, o autor menciona os termos *língua*, *corneta* e *cabeça*, todos substantivos femininos, que no masculino têm outra significação, ainda que relacionada: *o língua* se refere ao intérprete; *o corneta*, ao sujeito que toca o instrumento; *o cabeça*, ao indivíduo dirigente. Ele também lista algumas palavras em que o contraste de gênero, através da terminação, designa o mesmo objeto, mas em um outro sentido, como *barco/barca*, *caneco/caneca*, *cercos/cerca*, *cesto/cesta*, *cinto/cinta*, *espinho/espinha*, *fruto/fruta*, *jarro/jarra*, entre outros (SAID ALI, 1923, p.66-67). Nesse sentido, é exposto que quando ocorre a diferença de sentido, não há confusão na aplicação prática, pois cada forma é utilizada em um determinado sentido.

Para Gouveia (2005, p.538), uma clarificação ocorre “também, como consequência da alteração de gênero de um vocábulo, que o vai deixar em oposição semântica com outro”, por exemplo: *copa/copo* antigamente coexistiam como sinônimo de *taça*, no entanto, atualmente *copo* se opõe semanticamente a *copa*, com o sentido de *armário*. Outro exemplo: “a alteração de gênero que sofreu a forma feminina com o sentido de *espinho* possibilitou uma clarificação semântica, dada pelo gênero, em oposição a *espinha* (de peixe)” (GOUVEIA, 2005, p.538, grifo da autora). Ou seja, atualmente, a forma *espinha* é utilizada num contexto mais específico em comparação à palavra *espinho*.

No entanto, também vale salientar que nem todos os substantivos da língua portuguesa têm o gênero fixo, sendo ele definido pelo uso dos falantes. Para Gouveia (2005, p.527), hesitações de gênero indicariam que essa categoria “está ainda um pouco num período de transição”. É perceptível que algumas tendências nessa transição, tais como a analogia e a influência da terminação, continuam se manifestando na categoria, “numa clara evidência da continuidade e do poder criador do falante na evolução de qualquer língua viva” (GOUVEIA, 2005, p.540).

Além disso, cabe apontar que há palavras que, no português europeu pertencem a um gênero e, no brasileiro, a outro, como *sanduíche* (GOUVEIA, 2005, p.539). Por fim, a mudança de gênero ao longo da

história pode ocorrer, entre outros casos, com empréstimos e com palavras que só fixaram o gênero após algum tempo, devido a uma alteração social.

A terminação *-l* e a determinação do gênero morfológico

Said Ali não foi o primeiro a observar que palavras terminadas em *-l* tendem ao gênero morfológico masculino. Barboza (1822, p.128-129) relaciona as terminações *-al*, *-el*, *-il*, *-ol* e *-ul* ao gênero masculino e cita apenas *cal* como exceção. Leoni (1858, p.103) estabelece a mesma associação, no entanto simplifica as mesmas terminações para *-l* e explica que os substantivos com essa consoante final recebem gênero masculino independentemente de sua origem, mas não apresenta exceções. Ao tratar dessa terminação, Said Ali (1923, p.63-64) não só apresenta a associação entre a terminação *-l* e o gênero masculino, mas também cita algumas exceções, como as palavras *cal* e *moral*, além de alguns substantivos de origem adjetiva formados pelo sufixo *-al* em que se subentendem substantivos femininos, como em *capital* (cidade), *catedral* (igreja) e *vertical* (linha).

Em suma, a tese de Said Ali consiste não só em afirmar que o índice da terminação determina o gênero gramatical de um conjunto de substantivo, mas essa determinação pode provir de um conteúdo semântico não-expresso (ou *subentendido*) presente em adjetivos substantivados. O elemento subentendido não ocorre, portanto, no eixo sintagmático como poderia sugerir uma notação analítica como “(igreja) *catedral*”, mas antes está relacionado ao significado do item lexical analisado, como um verdadeiro hiperônimo que se funde a ele. Tal notação analítica, portanto, tem a mesma utilidade das paráfrases morfológicas, quando se depreendem, por exemplo, o significado de afixos derivacionais.

Dito de outro modo, quando o hiperônimo de um item lexical em *-l* for um ser animado, a determinação imediata que confunde o gênero morfológico e sexo (que chamamos de *gênero referencial* acima) não traz dados interessantes para uma definição que pretenda entender a essência da flexão de gênero em Morfologia. Por outro lado, uma confirmação de que uma terminação formal, que sequer é um morfema ou um afixo, está associada a um gênero morfológico (ou seja, o chamado *gênero puramente morfológico*) em seres não-animados é um

dado importante não só para a determinação de regras gramaticais, mas também para a descoberta de fenômenos linguísticos com importante impacto epistemológico nas teorias linguísticas e em seus pressupostos, pois reintroduz o papel dos índices no rol dos signos a ser analisados. Restaria investigar, segundo esse raciocínio, também as *exceções*, as quais foram classificadas, no caso da terminação *-l*, em dois tipos:

- substantivos femininos cujo expediente da notação analítica não é possível do ponto de vista sincrônico (como em *a cal*);
- adjetivos substantivados cujo gênero gramatical não corresponde ao do hiperônimo numa possível notação analítica (como em *o capital*).

Investigando um *corpus* inicial formado por 1866 substantivos terminados em *-l*, depreendido dos 150.875 lemas encontrados no *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (HOUAISS; VILLAR, 2001), doravante referida como *lista Houaiss*⁵, foram feitos alguns recortes. Em busca de uma metodologia adequada, primeiramente, com o intuito de contemplar a sincronia, foram descartadas palavras com frequência de uso extremamente baixa⁶. Além disso, foram descartadas palavras com gênero referencial, comuns de dois e variantes gráficas.

Com o propósito de realizar um recorte que corresponda mais fielmente ao léxico de um falante de português brasileiro, também foi consultado outro *corpus*, o *Léxico do Português Brasileiro - LexPorBR*, para a verificação de frequências. Desse modo, palavras que constavam na *lista Houaiss* mas não aparecem no *LexPorBR* — ou seja, com frequência igual a 0 — foram descartadas, com exceção de alguns substantivos como *hidrogel*, *maternal*, *subtotal* e *terçol*, pois são vocábulos que julgamos de certa familiaridade para um falante da língua, impressão que pode ser embasada em dados de frequência de uso:

- *hidrogel* (*lista Houaiss*: 15300 ocorrências);
- *maternal* (*lista Houaiss*: 585000 ocorrências; *LexPorBR*: 111 ocorrências);

- *subtotal* (lista Houaiss: 1100000 ocorrências);
- *terço* (lista Houaiss: 842 ocorrências)

Como este estudo pretende concentrar-se apenas no puramente morfológico, excluíram-se substantivos masculinos que designam indivíduos de sexo masculino como *cônsul* e substantivos comuns de dois gêneros⁷, como *fiscal*, *boçal*, *imbecil*, *intelectual*, *policial* e *rival*, uma vez que, nesses casos, a mesma forma é utilizada tanto para seres do sexo masculino quanto para o feminino. Em relação aos nomes próprios sem gênero referencial, foram considerados apenas os muito frequentes no português, como *bombril*, nome de marca com uso metonímico. Analisaram-se palavras estrangeiras incorporadas ao léxico da língua portuguesa, como o galicismo *bechamel*.

Quanto aos itens lexicais designadores de línguas e nacionalidades, só foram analisados substantivos que designam idiomas, visto que as nacionalidades também têm gênero referencial. Portanto, os itens lexicais como *tâmil*, *mongol* e *espanhol* contemplados na análise são nomes de línguas.

Vocábulos com mais de um significado foram analisados desde que pelo menos um deles exprima gênero puramente morfológico: por exemplo, a palavra *marginal* pode designar uma estrada que fica à margem de um rio, ou um indivíduo que vive à margem da sociedade; nessa situação, só foi analisado o primeiro caso, visto que o segundo dispõe do gênero referencial.

Também há palavras com mais de um significado em que o gênero produz contraste semântico, como é o caso de *a capital* (cidade) e *o capital* (bens econômicos). Por esse motivo, analisaram-se palavras como *capital*, *federal*, *final*, *frontal*, *geral*, *normal*, e *social* tanto como masculinas quanto como femininas, já que são itens lexicais distintos. Em alguns desses casos, o contraste é explicado pelo hiperônimo que estaria sendo subentendido, apresentando significados completamente distintos, como ocorre em *o capital/a capital*; em outros, a forma masculina tem um significado mais abrangente, enquanto a feminina é mais restrita e específica, como é o caso de *final*, que dispõe de um significado mais abrangente no masculino, mas que no feminino apresenta um uso mais restrito às finais de partidas e competições.

Há casos de itens que ocorrem na maioria das vezes como adjetivos substantivados, como é o caso de algumas palavras terminadas em *-al* (*abdominal*, *central* e *preferencial*, por exemplo) e em *-ável/-ível* (*impossível* e *agradável*, por exemplo). Justamente devido a esse fenômeno, constatamos que o gênero desses itens costuma ser explicado pelo que é subentendido. Em outras palavras, se determinado vocábulo se refere a um substantivo hiperônimo com determinado gênero, o mesmo gênero desse hiperônimo será atribuído a ele na sua substantivização. Desse modo, é possível encontrar palavras desse grupo que funcionam como substantivos de dois gêneros, variando de acordo com o hiperônimo subentendido; esses vocábulos foram descartados, com exceção daqueles em que o contraste de gênero ocasiona uma diferença semântica.

Ao consultar o *corpus* do *LexPorBR*, foram encontradas duas palavras relevantes para o estudo que não estavam presentes no *Houaiss*: *cacharrel* e *dirigível*. Elas foram, portanto, inseridas no *corpus* original e contempladas na análise.

O elemento formal numa análise preliminar dos dados

Expandiu-se a terminação *-l* para *-al*, *-el*, *-il*, *-ol* e *-ul*, num primeiro momento. Cabe destacar que o conjunto das palavras terminadas em *-al* é bastante numeroso e engloba, inclusive, alguns sufixos. Em seguida, alguns itens foram examinados em grupos semânticos. Por fim, os casos que não são facilmente explicados pelos métodos já mencionados passarão por uma análise diacrônica, com o propósito de encontrar alguma motivação histórica para a atribuição de gênero.

Há um total de 233 palavras terminadas em *-al* no nosso *corpus*, sendo 197 delas masculinas e 36 femininas. Parte das palavras masculinas são formadas pelo sufixo *-al*, que ao ser adicionado a uma base X gera um vocábulo com o significado de “lugar em que há bastante X” ou “plantação de X”, como é o caso de *laranja*, *matagal* e *pantanal*. Como se trata de uma derivação sufixal, o gênero é determinado pelo sufixo e não pela base, sendo todos os termos masculinos.

Em relação às exceções, vale lembrar a observação de Said Ali (1923, p.63), que explica o gênero feminino de palavras de origem adjetiva terminadas em *-al* por meio do subentendimento de um

hiperônimo representado por um substantivo feminino e confirmado pelas definições existentes no *Dicionário Houaiss*: (glândula) *adrenal*, (empresa) *binacional*, (cidade) *capital*, (igreja) *catedral*, (conjunção) *causal*, (instalação) *central*, (liberdade/conjunção) *condicional*, (ordem/comunicação) *confidencial*, (direção) *diagonal*, (impressão) *digital*, (linha ou curva) *espiral*, (prova) *final*, (linha/reta/posição) *horizontal*, (letra) *inicial*, (função) *integral*, (linha) *lateral*, (reta) *medial*, (linha) *nodal*, reta (*normal*), (forma/curva) *oval*, (via) *preferencial*, (sequência) *pontual*, (avenida/rua) *radial*, (rodada ou partida) *semifinal*, (letra) *semivogal*, (empresa) *sucursal*, (linha) *transversal*, (reta/linha/posição) *vertical*, (letra) *vogal*.

Em algumas palavras, é possível sugerir que o gênero seja atribuído por analogia, como é o caso de *matinal*, que na própria definição do dicionário indica o termo *matinê* (também feminino) como mais comum (HOUAISS; VILLAR, 2011, p.1868). Há também alguns itens lexicais em que podemos inferir alguns hiperônimos, ainda que não estejam presentes na definição do dicionário, são eles: (carta) *credencial*; (universidade) *federal*; (empresa) *filial*; (câmera) *frontal*; (limpeza) *geral*; (estrada/rua) *marginal*; (festa) *social*.

No entanto, exceções reais aparentemente surgem com outros vocábulos femininos, os quais não se encaixam nesse raciocínio, a saber: *bienal*, *cal*, *moral*, *pastoral*. Said Ali cita *cal* e *moral*, como exceções, ainda que não apresente uma explicação para esses casos. É importante destacar que a palavra *cal* também é empregada coloquialmente no masculino, sendo um caso de gênero vacilante; já *moral*, por sua vez, também pode aparecer no masculino, mas, nesse caso, cria um contraste semântico.

A terminação em *-el* dispõe de 81 palavras no *corpus*, sendo apenas quatro delas femininas: *babel*, *cacharrel*, *cascavel* e *variável*. É possível dividir os itens pertencentes a essa terminação em dois grupos: paroxítonos e oxítonos. Os vocábulos do primeiro grupo são formados pelos sufixos *-ável* e *-ível*, enquanto o segundo engloba o restante das palavras. Percebemos que os itens paroxítonos terminados em *-el* são quase todos masculinos, salvo *variável*, que possivelmente teria seu gênero explicado pelo hiperônimo *grandeza*. No entanto, faz-se necessário uma investigação diacrônica para corroborar essa hipótese, uma vez que o gênero feminino aparentemente vem da sua origem francesa.

Em relação às outras exceções, é possível facilmente pensar em hiperônimos para *cacharrel* e *cascavel*: *blusa* e *cobra/serpente*⁸, respectivamente. Já o feminino de *babel*, por sua vez, parece não ser explicado tão facilmente pelo mesmo caminho. Novamente, uma pesquisa etimológica aqui traria alguma luz à questão, em que se sente a necessidade de uma investigação diacrônica das exceções, assim como ocorre com outros problemas morfológicos.

Há um total de 43 palavras terminadas em *-il* no *corpus*, todas de gênero morfológico masculino, o que corrobora a hipótese de Said Ali. Nesse grupo, é perceptível a alta ocorrência de itens que designam compostos químicos, como *butil*, *metil* e *vinil*, grupo que será mais bem explorado na seção seguinte.

Outro caso relevante é o da palavra *bombril*, que se refere ao nome de uma marca de palhas de aço que passou a ter um uso metonímico no português brasileiro e designar esse produto no geral, mesmo que seja de outra marca. É interessante que, nesse caso, o substantivo dispõe de gênero morfológico masculino, o que indica que não está subentendido os vocábulos *palha* ou *esponja de aço*, o que reforça a influência da terminação para a atribuição de gênero, visto que as palavras terminadas em *-il* que são masculinas no português.

Quanto à terminação em *-ol*, constam no *corpus* 47 palavras, todas elas masculinas. Nesse grupo, há a predominância de palavras que designam substâncias químicas, como *álcool*, *etanol* e *formol*, e esportes, como *beisebol* e *futebol*. Um caso interessante é a palavra *semancol*, que consiste em uma gíria que designa um medicamento inexistente que é recomendado para pessoas inconvenientes. *Semancol* pertence ao masculino, o que sugere a atuação da terminação para a atribuição de gênero, uma vez que as palavras em *-ol* tendem ao gênero morfológico masculino, inclusive medicamentos com essa terminação, como é o caso de *paracetamol*, que também consta no *corpus*. É possível constatar, nesse caso, que a influência é sobretudo da terminação e não do grupo semântico, visto que há medicamentos com outras terminações que são femininos, como *dipirona*.

A terminação em *-ul* é pouco produtiva no português e, no *corpus* analisado, constam apenas duas ocorrências de substantivos, ambos masculinos: *azul* e *sul*. No caso de *sul*, Said Ali (1923, p.60) explica que o gênero do vocábulo se dá devido ao pertencimento ao grupo semântico dos pontos cardeais, visto que as palavras *norte*, *sul*, *orient*

(ou como mais utilizado atualmente, *leste*) e *oeste* são todas masculinas. O autor não menciona a palavra *azul*, tampouco agrupa as cores, no entanto poderia ser aplicada a mesma lógica para essa palavra, o que será explorado a seguir.

O papel do elemento semântico na análise dos dados

Em português, substantivos que denominam cores são todos masculinos, independentemente da terminação, isto é, até mesmo itens em *-a* (que costuma ser o índice de feminino) como *rosa* e *laranja* são masculinos quando designam cores. Esse fenômeno também é notado nos dados analisados. Observe-se que, diferentemente dos casos acima apresentados, não é o gênero do substantivo *cor*, que rotula o paradigma semântico, que produz isso, mas trata-se de um gênero vinculado a todo o paradigma semântico e não ao hiperônimo que o nomeia. Tampouco o gênero masculino das cores provém de uma associação a algo referencial. É possível sugerir que os nomes de cores no português são masculinos pois conservariam um suposto gênero masculino arcaico da palavra *cor*, que era masculina no latim (*color*, *-is*) e assim se manteve em línguas como o espanhol. Há, no *corpus*, três itens lexicais terminados em *-l* que pertencem a esse grupo semântico: *azul*, *arrebol* e *anil*.

Em relação aos nomes de idiomas, representados no *corpus* por quatro vocábulos (*espanhol*, *portunhol*, *provençal* e *tâmil*), também se observa um fenômeno semelhante, pois são sempre masculinos, independentemente da terminação, o que é evidenciado por itens terminados em *-a* como *vietnamita*. Nesse agrupamento, é possível, porém, sugerirmos que esteja subentendido um rótulo do hiperônimo, a saber, *idioma*. Todavia, cabe destacar que, visto que a palavra *idioma* data o século XVIII e o masculino desse grupo pode ser explicado melhor (sem contradição histórica) por outro hiperônimo, como *linguagem*, palavra que era masculina da Idade Média ao Renascimento.

Um grupo semântico de vocábulos em *-l* com bastantes ocorrências é o dos compostos químicos, que engloba palavras como *álcool*, *butil*, *colesterol*, *etanol*, *formol* e *vinil*. No *corpus* deste trabalho há um total de 20 substantivos terminados em *-l* pertencentes a esse grupo, todos eles masculinos, apesar de diversas palavras não terem sido

contempladas na análise devido à baixa ocorrência por serem restritas a uma terminologia muito específica. É possível sugerir que substantivos terminados em *-l* que designam compostos químicos apresentam gênero morfológico masculino. É um caso diferente do das cores e dos idiomas, pois há substâncias com outras terminações que são femininas, como *acetona* e *anilina*, além de algumas variações formais acompanham também variação de gênero, como é o caso de *butil/butila*, *metil/metila*. Portanto, nesse grupo a terminação desempenha um papel importante para a atribuição de gênero.

Nomes de tecidos, como *burel*, *celandal* e *percal*, também são todos masculinos. No entanto, observam-se também itens desse grupo com outras terminações, que são femininos, como *gaze*, *microfibra*, *sarja* e *seda*. Desse modo, nesse conjunto, é possível também observar o papel da terminação para a determinação do gênero, sobretudo como observado no caso de *-l*.

Quanto aos nomes dos esportes, também é perceptível que os vocábulos *basquetebol*, *beisebol*, *frescobol*, *futebol*, *futsal*, *handebol* e *voleibol* são todos masculinos, embora isso não se aplique à totalidade dos itens do grupo semântico, pois *esgrima*, *queimada* e *vela* são femininos. Isso indica, mais uma vez, a importância da relação terminação e gênero. Além disso, mais especificamente, é possível estabelecer que a terminação em *-bol* determina o gênero morfológico masculino, como é o caso dos itens citados⁹.

Ao examinar os substantivos femininos em *-l*, também é notável a alta ocorrência de termos pertencentes à terminologia matemática, entretanto, também existem itens masculinos, como *decimal* e *radical*. Nesse caso, é possível sugerir que o grupo semântico não tem tanta influência em relação à atribuição de gênero. Como já exposto, o gênero morfológico feminino presente nessas palavras é explicado por palavras femininas que podem ser subentendidas, tais como *forma*, *função*, *linha* e *reta*.

Em síntese, é possível dividir os grupos semânticos analisados em dois:

- (i) aqueles em que o grupo é responsável pela determinação do gênero e, portanto, todas as palavras a ele pertencentes apresentam o mesmo

gênero, independentemente da terminação, como ocorre com as cores e os idiomas;

(ii) aqueles em que o gênero de seus elementos varia de acordo com as suas respectivas terminações, como acontece com os compostos químicos, tecidos e esportes.

Inversamente, foram encontrados vocábulos em que a variação de gênero é capaz de alterar semanticamente um item lexical: *capital*, *federal*, *final*, *frontal*, *geral*, *moral*, *normal*, *social*.

No caso de *capital* e *normal*, são gerados sentidos não relacionados, visto que *capital* no masculino se refere ao dinheiro e no feminino à cidade; e *normal* no masculino diz respeito ao que é comum e habitual, enquanto no feminino designa o nome de uma reta. Já em outros vocábulos, é perceptível que o masculino apresenta um significado mais geral, enquanto o feminino é mais específico:

- *federal*: no masculino, funciona como um sinônimo de federação ou Estado; já no feminino, se refere às universidades federais;
- *final*: no masculino, funciona como sinônimo de *fim*, enquanto no feminino seu uso é mais restrito às finais de partidas e competições;
- *geral*: no masculino, designa aquilo que é amplo ou comum, enquanto no feminino designa uma limpeza que é mais simples, com produtos mais comuns;
- *social*: no masculino, se refere ao coletivo, à sociedade, já no feminino, costuma se referir a uma festa com um pequeno grupo de pessoas.

Nos itens acima, percebe-se que a forma no feminino passa por uma *restrição semântica*, sendo utilizada apenas em contextos específicos. Além disso, é perceptível que nesses vocábulos com uso restringido é possível subentender um substantivo feminino, o que explicaria seu gênero, como já foi observado anteriormente.

Quanto à palavra *frontal*, é possível constatar dois significados que se relacionam, contudo não há um que seja mais amplo e outro mais específico. No masculino, *frontal* diz respeito ao osso que fica na testa, enquanto no feminino designa a câmera de *selfie* dos celulares. Desse modo, ambos os sentidos se relacionam por denominarem entes que se encontram na parte da frente/frente. Cabe ressaltar que há uma outra acepção para *frontal*, não relacionada à ideia de frente, que é o nome de um medicamento bastante conhecido; mais uma vez, o gênero masculino para o item com essa significação reforça a influência da terminação em *-l* para a determinação de gênero.

Por fim, quanto ao vocábulo *moral*, percebemos que a oposição de gênero ocasiona uma mudança de significado sem restrição semântica nem associação transparente com seu hiperônimo, visto que no masculino diz respeito ao estado de espírito de alguém, enquanto no feminino se refere a um conjunto de valores ou princípios (HOUAISS; VILLAR, 2001, p.1958), o que requereria algum tipo de estudo diacrônico para entendermos as razões dessa oposição.

Conclusões

Na *Gramática Secundária*, Said Ali (1923, p.55) começa recorrendo à morfossintaxe para explicar o gênero no português. Assim, o substantivo masculino é definido como aquele que pode ser precedido pelo artigo *o*, se juntar a qualificativos terminados em *-o* ou ser substituído pela palavra *ele*, enquanto o feminino é aquele que pode ser precedido pelo artigo *a*, se juntar a qualificativos terminados em *-a* ou ser substituído pelo pronome *ela*. Em seguida, o autor aborda substantivos sexuados para explicar como funcionam os pares genéricos da língua portuguesa, discorrendo sobre algumas ocorrências morfológicas que também são tratadas por outros autores, seja nos alomorfes de Câmara Jr. (1970, p.80) ou nos processos distintivos de Costa e Choupina (2012, p.79-82); além de apresentar as definições de epicenos e comuns de dois. Ampliaram o entendimento do gênero morfológico autores como Câmara Jr. (1970, p.77-82), Rocha (1994, p.27-36), Souza e Silva e Koch (2011, p.65-66), Costa e Choupina (2012, p.76-86).

No entanto, é no vínculo entre gênero morfológico e terminação, assim como no existente entre gênero morfológico e semântica, que se vê uma das grandes contribuições da obra de Said Ali.

As variáveis todas apresentadas neste artigo, portanto, enfatizam complexidade da categoria de gênero. Com o surgimento da representação do signo saussuriano de duas faces, que descarta a referência, ao se privilegiar o signo do tipo símbolo ao do tipo índice, e ao se enfatizar a questão da arbitrariedade do signo, que estendeu seu entendimento para a arbitrariedade do gênero morfológico, a marcação de gênero é frequentemente vista como confusa e arbitrária, ainda que seja possível (e desejável) contemplar algumas de suas motivações.

Referências:

BARBOZA, J. S. **Grammatica philosophica da lingua portugueza**. Lisboa: Typografia da Academia das Sciencias. 1822.

BECHARA, E. M. **Said Ali e sua contribuição para a filologia portuguesa**. Tese de concurso uma cátedra de Língua e Literatura. Rio de Janeiro: Instituto de Educação do Estado da Guanabara. 1962. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/textos/bechara1962-a.pdf>>. Acesso em: 28 fev. 2021.

CORBETT, G. G. “Gender, grammatical”. In: **Encyclopedia of language & linguistics**, p. 749-756, 2006.

COSTA, J. A.; CHOUPINA, C. M. G. M. “A história e as histórias do gênero em português: percursos diacrônicos, sincrônicos e pedagógicos”. In: **Exedra: Revista Científica**, n. 6, p.75-86, 2012.

COSTA, T. de A. da. “Dizeres sobre Said Ali”. In: **Porto das Letras**, v. 6, n. 5, p.173-199, 2020.

GOUVEIA, M. C. de F. e. “A categoria gramatical de gênero do português antigo ao português actual”. In: RIO-TORTO, G. M.; FIGUEIREDO, O. M.; SILVA, M. de F. H. da. (Orgs.). **Estudos em homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela**. Porto: FLUP, p. 527-544, 2005. Disponível em: <<https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/13383>>. Acesso em: 10 set. 2021.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S.; FRANCO, F. M. de M. **Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

LACOTIZ, A. **Flexão de gênero**: estudo historiográfico sobre a genealogia dos conceitos e abordagem semiótica da morfologia no português. Tese. Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2020. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-06042021-145515/pt-br.php>>. Acesso em: 6 jun. 2021.

LEONI, F. E. **Genio da lingua portugueza, ou causas racionais e philologicas de todas as reformas e derivações da mesma lingua, comprovadas com innumeraveis exemplos extrahidos dos auctores latinos e vulgares**. 2. ed. Lisboa: Typografia do Panorama, 1858.

MARGOTTI, F. W.; MARGOTTI, R. de C. M. F. **Morfologia do Português**. Florianópolis: UFSC, 2011.

MATTOSO CÂMARA JR., J. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1970.

ROCHA, L. C. de A. Caracterização do gênero do substantivo. **Cadernos de Pesquisa**, n. 19, p.27-36. 1994.

SAID ALI, M. **Grammatica secundaria da lingua portugueza**. São Paulo: Companhia Melhoramentos de São Paulo, 1923.

SAID ALI, M. **Grammatica historica da lingua portugueza**. 2. ed. São Paulo: Companhia Melhoramentos de São Paulo, 1931.

SCHWINDT, L. C. “Exponência de gênero e classe temática em português brasileiro”. In: **DELTA**, São Paulo, v. 34, n. 2, p.745-768, 2018.

SOUZA E SILVA, M. C. P. de; KOCH, I. V. **Linguística aplicada ao português**: morfologia. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

VIARO, M. E. “Onde se encontra a morfologia no signo linguístico?”. In: **Estudos Linguísticos e Literários**, Salvador, n. 61, p.11-29, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/estudos/article/view/28109/19115>>. Acesso em: 02 fev. 2022.

VILLALVA, A. **Morfologia do português**. Lisboa: Universidade Aberta, 2008.

Notas

* Estudante de graduação em Linguística (DL/FFLCH/USP), bolsista FAPESP de Iniciação Científica (Processo 2021/03216-0).

** Professor livre-docente da Universidade de São Paulo e bolsista Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 1D.

¹ De acordo com Villalva (2008, p.89), “todos os radicais nominais possuem, pois, informação de gênero gramatical e esta informação é sintaticamente relevante, dado que desencadeia mecanismos de concordância”.

² Para Villalva (2008, p.90-91), “essa relação só pode ser motivada quando os nomes denotam entidades animadas, mas mesmo neste domínio registram-se variadíssimos casos que mostram a fragilidade dessa hipótese de generalização” e a atribuição de gênero aos radicais inanimados pode ser considerada “estritamente acidental”.

³ Para Schwindt, ao se deparar com palavras novas ou desconhecidas, o falante de português pode atribuir gênero com base na forma ou no significado dessas palavras: “No caso da forma, [...] isso está relacionado à grande prevalência na língua de vocábulos masculinos terminados na vogal *o* e de vocábulos femininos terminados em *a*. No caso do significado, tem a ver com a relação entre gênero gramatical e sexo ou gênero social”.

⁴ Said Ali (1923, p.59) define *epícenos* como nomes com apenas uma terminação e apenas um gênero gramatical, assim, a mesma forma designa tanto seres femininos quanto masculinos, como ocorre em *a testemunha* e *a criança*. Desse modo, animais epícenos seriam aqueles em que o gênero é distinguido através do uso das palavras *macho* ou *fêmea*.

⁵ As informações iniciais b, sobre a frequência de uso, presentes neste trabalho, referem-se, portanto, a uma lista obtida mediante busca maciça realizada em 15/08/2006 pelo GMHP (www.usp.br/gmhp), com auxílio computacional do prof. Zwinglio Oliveira Guimarães-Filho (IF-USP), então existente na *internet* mediante busca automática realizada no *Google*, restrita a páginas em língua portuguesa. Nessa época não eram apresentadas sugestões nesse buscador, dando, portanto, grande grau de confiabilidade à quantidade de dados obtidos. A partir desses dados, realizou-se o recorte dos substantivos terminados com *-l*, que constitui o *corpus* deste projeto.

⁶ No caso da *lista Houaiss*, trata-se de palavras cuja frequência de uso é menor ou igual a 25 ocorrências. Posteriormente, contrastou-se esse resultado com os dados presentes no *Léxico do Português Brasileiro - LexPorBR*, disponível em <https://www.lexicodoportugues.com/>.

⁷ Said Ali (1923, p.59) define os “substantivos comuns de dois” como aqueles que não mudam de terminação de acordo com o sexo da pessoa a que eles se referem e cita como exemplo *o camarada, a camarada; o estudante, a estudante*.

⁸ Uma definição possível para *cascavel* seria “nome comum a várias *serpentes* venenosas com guizo na cauda, encontradas nas Américas” (HOUISS; FRANCO, VILLAR, 2010, p.148).

⁹ A única palavra entre as citadas que não termina em *-bol* é *futsal*, todavia, se trata de um acrônimo de *futebol de salão*.